ANO 1.º LISBOA--SEXTA-FEIRA, 10 DE FEVEREIRO DE 1922 N.º 263

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.--End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

SEGUNDO o sr. Agatão Lança, dois flagelos corroem Lisboa—o jogo e a mendicidade. O primeiro conduz ao segundo, o segundo arrasta a todas as miserias e torpezas.

Das tavolagens vive muita gente, mesmo as suas vítimas.

Os mendigos são quasi uma legião, graduados entre si como uma sociedade que se présa: uns teem o seu vintem e derivam para as caixas economicas e para a agiotagem, podendo vir a ser grandes eleitores, outros pedincham dia e noite, sem que daí lhes venha outro proveito, senão serem apanhados em flagrante pelas objectivas dos fotografos, ao serviço dos quotidianos que consideram o pauperismo uma chaga social que urge curar, com cornetas de barro.

Um velho jogador, membro duma casa fidalga que se arruinara com as tentações do pano verde, costumava dizer:

—«Eu não jogo para me distrair, mas sim para me regenerar pela humildade cristã».

Conseguiu o que queria, pois acabou os seus dias a devorar as migalhas dum seu antigo criado que, á força de esperteza, chegou a barão.

Um pedinte de longas barbas nevadas que, durante muitos anos, nas ruas da Baixa, pôz a sua muleta diante dos passos de pessoas que corriam para os seus empregos e ocupações, [illegible] assim a sua existencia:

—«Peço esmola, porque me sinto com vocação para grandes coisas. Emquanto os ricos arrancam das algibeiras o vintem que lhes peço, eu penso que, no caso deles, procederia com mais largueza. Espero que ainda venha a descobrir um tesouro, para mostrar aos que me desprezam que eu possuo o instinto da caridade, sendo capaz de dar a uma criança das ruas o bastante para que tenha flôres e bonbons na sua mansarda».

Como se vê, estes dois exemplares da decadencia tinham cada qual o seu sonho: um resignava-se a morrer pobremente, apesar de ter nascido sob um beijo da fortuna; o outro, que nunca conhecera maior felicidade que a que lhe ofertava a avareza da gente esmoler, teimava em resistir á desgraça, erguendo a cabeça num vago gesto de revolta.

No fundo, ambos pedintes e ambos jogadores.

* * *

AS GREVES dos electricos produzem-se por series: geram-se umas ás outras, por um sistema de causas efeitos, em virtude do qual a solução da primeira dá origem á segunda, a solução desta á terceira e assim sucessivamente.

No dia em que o ultimo carro se escavacar, Lisboa terá a impressão de rehaver uma das suas liberdades perdidas—a de passear de graça.

* * *

UM pequeno volume intitulado — *Criminosos e Degenerados em Camilo*, escrito pelo dr. Jorge Brandão de Figueiredo Faria, quando em Coimbra frequentou a aula de Direito Criminal, no recente leilão da *Camiliana*, atingiu o lanço de 35$00.

O publico, que compreendeu o valor da obra, quiz significar tambem ao ilustre advogado que muito aprecia a sua dedicação ao culto de Camilo.

* * *

O secretario do sr. Antonio Maria da Silva foi hoje á base dos submersiveis e a casa das familias das vitimas do desastre de ontem apresentar condolencias em nome do governo.

O Congresso de Coimbra

Seria desnecessario encarecer as vantagens dos congressos economicos se os que vivem da politica, seja porque dela fazem cavalo de batalha, seja porque apenas de ouvido a cultivam, lhes não tivessem dedicado até agora uma indiferença prima direita do desprêzo.

Amanhã realizar-se-ha em Coimbra a primeira sessão do segundo congresso economico. É pois o momento azado para frizar as vantagens que resultarão do seu bom andamento. As teses a apresentar merecem muita ponderação e um debate sincero e bem ordenado.

Algumas delas, como por exemplo as que dizem respeito ao problema das estradas, ás pautas aduaneiras, á marinha mercante e ao comercio, encerram de per si uma complexidade só comparavel ao interesse cada vez mais instante de defendê-las com proficiencia.

Portugal costuma ser, por excelencia, o país dos problemas insoluveis.

Raro é que, quando se pretende resolver questões de vulto, se congregue as energias e os valores indispensaveis para o conseguir.

A politica partidarista domina tudo e todos. Os homens descuram as necessidades vitais do país e fogem muitas vezes irrisoriamente dum convivio intelectual que seria utilissimo para todos, porque se filiaram num partido politico, porque se sentem bem encadernados no papel de manequins dum directorio ou até de qualquer inofensivo bonzo.

A efectivação do Congresso Economico de Coimbra vinca uma impressão consoladora nos que não desesperam de viver um futuro melhor e significa ao mesmo tempo uma bofetada no rosto dos que da descrença fazem comoda profissão.

Inumeras são as forças vivas que se uniram patrioticamente abatendo pendões politicos para hastear uma só bandeira—a da nossa redenção economica.

Uma lição dada aos partidos da Republica e uma lição em que o proprio governo colabora já fazendo-se representar por três dos seus ministros.

Parece que vem muito perto de nós a hora da sensatês e da cordura. Um professor não disciplina gritando, como um país não progride a estrondos de canhão.

Oxalá que o Congresso Economico de Coimbra marque a abertura dum epoca de tranquilidade e de ressurgimento nacional.

S.

PIADA DE CONDUTOR

(Desenho de Sanches da Costa)

—Tu sabes porque é que os bilhetes de sobretaxa são rôxos?
—Está claro que sei. Como se trata de taxar... são da côr do vinho.

O SR. Lima Basto, a quem ontem a União da Agricultura, Comercio e Industria ofereceu um banquete no Monumental Club, em resposta a varios convivas que o felicitaram, por haver aceitado a pasta do Comercio, proferiu um discurso em que, entre outras coisas notaveis, disse o seguinte, segundo o relato de *A Manhã*:

—«A hora é de sacrificio, mas, nesse sacrificio, dividido por todos, pouco toca a cada um.»

Ha muito tempo que se fala na necessidade de Portugal afirmar uma verdadeira intenção de resgatar-se do mau passo em que se encontra.

Porque ainda o não fez?

Parece-nos que, em Portugal, a palavra *sacrificio* não é comprendida no seu verdadeiro significado, porque as pessoas que a articulam nunca admitem que possam dar á colectividade aquilo a que ela tem direito, visto não o receber como uma obrigação gostosamente aceita e cumprida.

Os governos, quando a empregam, contam que o país—os contribuintes, já se vê—pagarão sem hesitações tudo o que em materia de tributos e taxas lhe seja lançado sobre o dorso.

Por seu lado o povo—os que podem pagar, bem entendido—julgam que o Estado é que ha-de operar o milagre de extinguir o *deficit*, reduzir a circulação fiduciaria, resolver o problema da ordem e melhorar os cambios. Nunca lhes passou pela cabeça aos dois que o sacrificio exigido para vencermos as angustias do momento presente não é unilateral, mas bilateral.

O Estado e o País têm que convencer-se que a sujeição ao castigo é para ambos e não para um só.

O primeiro deve dar o exemplo, reduzindo e seleccionando os quadros do funcionalismo, moralisando os gastos e a cobrança das receitas, actualisando o imposto, promovendo as obras de fomento, o alargamento das exportações, economisando nas despezas militares e cuidando a sério da educação util das novas gerações.

O segundo não julgue que o egoismo é a rigorosa solução dos seus males. Quanto mais se opuzer ao bem comum, contando só consigo, fazendo do seu *pot au feu* a maior conquista da felicidade, tanto mais se encontrará aos baldões da sorte.

E' forçoso que se dê ao Estado o que este lhe pedir com justiça.

Desde que assim se entenda, mas com perfeito amôr de português, as palavras do sr. Lima Basto tornam-se de facil compreensão.

* * *

O PARTIDO Reconstituinte significou ao governo que lhe dará o seu apoio, para a realização do programa minimo de que ha de provir a normalização da vida economica e financeira do país.

Se o actual governo tiver o proposito, como nós acreditamos, de não se deixar morrer diante duma muralha de metaforas e disparates, alguma coisa poderá fazer, a bem do país.

* * *

ÁS 17 horas o directorio do P. R. P. conferenciou com o sr. Presidente do Ministerio sobre as nomeações das autoridades administrativas, tendo assistido a essa conferencia alguns parlamentares.

Exposição do Rio

As grandes exportações nacionais

A exposição do Rio de Janeiro é hoje o pensamento fixo de todos aqueles que em Portugal têm uma acção e um pensamento de realização nacional.

A secção portuguesa tem de singularizar-se e impôr-se no meio dessa feira-franca mundialmente concorrida, em que o comercio e a industria de toda a parte irão procurar relações e estudar possibilidades de acôrdos e transacções futuras.

Por nossa honra e orgulho do povo irmão, que vive do mesmo passado glorioso e caminha para o mesmo futuro de imposição racial, temos que fazer com que a nossa representação, sob todas as formas, justifique firmemente os nossos sentimentos e as nossas palavras.

Sob o aspecto de país exportador, Portugal tem de mostrar-se tal, como de facto é, mundialmente conhecido, senhor de três formidaveis ramos de expansão industrial e comercial: o vinho, as conservas de peixe e, sôbre todas, a cortiça, que no solo riquissimo da nossa terra se cria e justificadamente é considerada a melhor do mundo.

Temos quasi a certeza de que o Comissariado, pelas respostas já recebidas, terá já a certesa de que os grandes industriais da cortiça levarão ao Rio de Janeiro um mostruario demonstrativo de quanto vale êsse produto da nossa grande exportação, mas não basta! E' necessario que o comercio e a industria de todo o mundo se convençam, pelo que lhe mostrarem ali, que não só a cortiça portuguesa é a melhor, a mais fina e propria para obras de meticuloso apuro, como é a mais abundante e em melhores condições exportada e trabalhada.

Com o mostruario da nossa cortiça em bruto e em trabalhos realizados, com a perfeição inteligente com que o nosso operario se singularisa sempre, temos obrigação de chamar sôbre êste produto a atenção dos industriais e dos capitalistas da alta finança mundial.

Embora o Brasil não seja, por emquanto, um grande importador de cortiça, porque a sua industria não atingiu ainda o grau a que chegou nos Estados Unidos, o que é certo é que a exposição do Rio de Janeiro concorrem todos os outros paises, de que nos convem chamar a atenção para esse produto que é uma das maiores riquesas de Portugal.

Todas as inumeras utilizações da cortiça podem e devem realizar-se aqui, produzindo trabalho, que representa o ouro que nos falta.

De quasi todas as industrias portuguesas se diz—que não podem concorrer em melhores condições aos mercados mundiais, ou porque falta a materia prima, ou mesmo a materia subsidiaria para a sua exportação.

Mas esse facto não se dá com a cortiça que se cria na nossa terra, é extraida pelo trabalho nacional e por ele pode e deve ser aproveitada para uma exportação que justifique bem todas as esperanças que nela pomos.

Não é já muito o tempo que medeia até á partida dos produtos portugueses, para que haja no Rio de Janeiro tempo suficiente a bem organizar o nosso mostruario; porque, se é certo que ali podemos contar com o trabalho duma numerosa colonia cheia de vontade e de amor patrio, devemos tambem contar com a concorrencia de trabalhos similares, não só para a propria exposição brasileira como para a dos outros paises com mais recursos do que nós.

E' urgente pois que todos os grandes produtores e industriais corticeiros indiquem ao Comissariado o espaço de que necessitam e os produtos com que pode contar para que essa secção honre a nossa representação.

— Será preciso gritar-lhe ao ouvido que o UROL é o maior dissolvente do ácido úrico?

Cura: o REUMATISMO, ARTRITISMO, GOTA, OBESIDADE, etc.

FARMÁCIA FORMOSINHO:

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 18

"VIENT DE PARAITRE"

Cronica de livros

— POR —

Afonso de Bragança

"O livro das Quimeras", de Alfredo Pimenta, e "Os olhos cinzentos", de João Ameal — Uma entrevista reveladora—A Arte e a vida—Versos bons—Os perigos de ser culto — O ultimo decadente — O amor ás palavras

Juntos pelos acasos editoriais dois livros que lidos a seguir, tem o seu parentesco: «O Livro de Chymeras» do sr. Alfredo Pimenta, versos, e «Os Olhos Cinzentos» do sr. João Ameal, novela.

Ainda ha pouco tempo a *Ilustração Portuguesa* apresentou os dois, no papel de entrevistado um (o sr. Alfredo Pimenta, como é natural) no papel de entrevistador, o outro; em papel *couché*, ambos...

Nessa entrevista, João Ameal declarava-se encantado com as teorias de Arte e de Vida do seu entrevistado; e ao chegar *cá fora*, (aquele *cá fora* final de todas as entrevistas sem saida), entre o ruido dos electricos e o labirinto das ruas, ele sentiu-se forte porque a «Vida não tem nada com a Arte».

No sr. Alfredo Pimenta, estas teorias separatistas são velhas.

No sr. João Ameal são recentes. Quasi tão recentes como ele.

Mas ha uma diferença: o sr. Alfredo Pimenta tem uma vida; uma vida de trabalho, de luta, de politica, de estudo, mas que não pareceu, ao seu possuidor, metrificavel. O sr. João Ameal, á falta de vida, entregou-se todo á Arte, uma arte sem vida—uma arte morta.

Na poesia as ideias que o sr. Alfredo Pimenta perfilha, são aceitaveis. Têm o inconveniente, apenas de serem perfilhadas; só por um extranho acaso as crianças perfilhadas se parecem com os pais adoptivos...

Como porém os mestres da Arte pela Arte, deixaram nos recessos da sua obra uma ou outra linha por dizer — (só os apontamento de «assuntos a tratar» do Bandelcire, davam alimento a uma geração) ainda é possivel, a certos espiritos para quem a literatura é um figurino, fazer versos bons e, até, livros bons. Falemos destes, em primeiro logar.

O *Livro das Chymeras* do sr. Alfredo Pimenta que começou por fazer versos muito maus, expandindo ideias ainda piores, á força de trabalho e de gosto literario conseguiu fazer versos bons, como os das *Sinfonias morbidas* e os deste livro.

Não quere isto dizer que o sr. Alfredo Pimenta seja um poeta. A feição especial do poeta é criar.

Os poetas
São bruxos, são profetas

dizia o bruxo do Antonio Nobre. O sr. Alfredo Pimenta não cria. Produz.

Ele é, mesmo na poesia, um literato, um bom literato.

Os seus versos que são, por vezes, perfeitos, de sonoridades redondas, só manchados aqui e além pelas duresas inevitaveis em quem cultiva *o artigo de fundo*, dão-nos a impressão de *claros e frios*. E se a claresa é a sua maior qualidade,—esta claresa moderna, o parnasianismo fluente de hoje,—a friesa parece-nos o seu maior defeito.

Neste livro não há nenhum sentimento que ao leitor de sensibilidade facil pareça sincero; o que não quere dizer que seja assim. O que é certo é que os assuntos que o sr. Alfredo Pimenta metrifica são aqueles que toda uma geração, com talento, cantou e que, por isso, deixou desfibrados, secos, *frios*.

E' este o defeito das escolas. Para os que vêm na cauda fica pouco que dizer...

Como se compreende, depois disto, no livro do sr. Alfredo Pimenta, há muitas sugestões, desde Ruben Dario, que é flagrante, a Verlaine o Mallarmé, que são usuais.

O sr. Alfredo Pimenta é, talvez, o ultimo decadente... O sr. Alfredo Pimenta é uma pessoa muito culta. Os seus versos são ainda os versos duma pessoa muito lida.

Permitimo-nos apontar no *Livro das Chymeras* algumas banalidades incompativeis com um artista requintado, como é a repetição de velhas imagens como *labios em flôr;* os *Sonhos floridos*, o *Amargo pranto* e o *Peso da minha cruz*, que são como que o defluxo do nosso lirismo centenario; o *artigo de fundo* da nossa admiravel poesia lirica. Escolhemo-los, a estes lugares-comuns, duma só poesia, a primeira. E se o *Vilancete sobre um mote da Infanta D. Maria de Portugal* seria tido como mediocre pela propria Infanta; se, no livro, há um excesso de rimas, uma necessidade fisica de rimar, no desejo doentio de encontrar palavras, aos pares, que terminem precisamente da mesma maneira, há tambem trechos bem realizados, como estes que tomamos a liberdade de transcrever:

> E os olhos verdes que eu quero..
>
> Há neles todo o segredo,
> Todo o misterio difuso
> Da pedra verde que eu uso
> No anel de oiro do meu dedo.
> Por isso os olho confuso
> E os interrogo com medo,
> Porque há neles o segredo
> Da pedra verde que eu uso.

E esta quadra:

> Os meus abraços, Amor, te esperam impacientes
> E os meus beijos, Amor, anciosos te desejam
> Tenho beijos para ti, tão lindos, tão ardentes,
> Que é um horror para ti, se acaso te não beijam.

Havendo versos detestaveis, como estes, a a certas mãos:

> Quero senti-las, meu Amor, nas minhas
> Quando eu tiver as minhas mãos nas tuas

Parece-nos que tendo as suas mãos nas dela, não é preciso cultivar, como Marinetti, o tactilismo, para sentir as dela nas dele. Estas coisas costumam ser epidermicamente reciprocas. A não ser—como crêmos—que as mãos sejam irreais...

O culto da palavra pela palavra leva o sr. Alfredo Pimenta a outros deslises e outros excessos, que vão desde o abuso das mesmas palavras na mesma poesia (maneira facil de obter ritmo) até ao culto dos *ritornelos*. Amor das palavras que, a bem dizer, começa na capa do livro, onde o sr. Alfredo Pimenta se prefaciou.

Mas neste livro, como no anterior, *Sinfonias Morbidas*, o sr. Alfredo Pimenta conseguiu realizar o melhor da sua obra e do seu desejo de ser artista.

Ludovice, Limitada

Comissões e Consignações

Agentes de vendas para a provincia dos productos da Academia Scientifica de Belesa

R. da Madalena, 38, 2.° — Tel. C. 3379

Secção Fiscal

Pagamento de contribuições — Reclamações sobre todas as contribuições directas do Estado e das Camaras Municipais, incluindo as sobre avaliações de predios, sobre gremios industriais, cessação de industrias, etc., e respectivos recursos em todos os tribunais—Certidões em todas as repartições publicas — Recursos e mais actos sobre transgressões dos regulamentos fiscais, etc., etc.

O ADVOGADO

José d'Arruella

R. Nova do Almada, 81. 1.°

Telefones 1949 ou 4343 (residencia)

Lopo de Carvalho

Director do Sanatorio Sousa Martins

Lopo de Carvalho, filho

Professor da Faculdade de Medicina de Coimbra

DOENÇAS PULMONARES

Calçada do Carmo, 3, 1.° (ao Rocio)

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Marquesa de Sousa Holstein, condessa de Tarouca, D. Alda de Sousa e Vasconcelos Alves, D. Maria do Carmo Guimarães Pestana de Magalhães, D. Maria Fernanda Rebelo de Andrade, D. Guadalupe de Castro, D. Ana Infante Sequeira e D. Eduarda Sá Pereira.

E os senhores:

Luis Pizarro da Cunha Portocarrero, Luís Pinto Leite de Bessa, Artur Maria da Silva Velez, João Lobo de Miranda Trigueiros, Guilherme Ruy de Carvalho da Cunha Sarmento Pimentel e Germano Xavier de Magalhães.

Casamentos

Foi transferido para quarta feira, 15 do corrente, o casamento da senhora D. Maria Emiliana Cabral da Silva, gentilissima filha da senhora D. Ana Cabral da Silva e do ilustre clinico sr. dr. Carlos Silva, com o sr. José Vicente da Costa Ramalho, filho da senhora D. Piedade da Costa Ramalho e do sr. Gaspar da Costa Ramalho, que ámanhã se devia realizar em S. Sebastião da Pedreira.

—Foi pedida em casamento pelo sr. dr. José Borges de Faria, para o sr. José Vilasboas de Arnedo, a senhora D. Consuelo Martinez, interessante filha da senhora D. Carmen Martinez e do sr. D. Ramon Martinez.

O casamento realizar-se-ha na proxima primavera.

Nascimentos

Ha dias teve o seu bom successo a senhora D. Josefina Wrem da Silveira Viana, esposa do sr. Luís de Lemos da Silveira Viana.

Mãe e filha estão perfeitamente bem.

Pontos de reunião

Em S. Carlos

Assistencia elegante á 29.ª récita de assinatura ordinaria, penultima da opera «Parsifal»:

Marquesa de Avila e Bolama, Viscondessas de Marco e filha, e de Alvelos, D. Jesuina de Sousa Pereira dos Santos e filha, D. Adelaide da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela) e filha, D. Maria Perestrelo de Albuquerque d'Orey e filha, D. Elvira Jara de Albuquerque d'Orey, D. Sofia Gomes Benjamim Pinto, D. Carlota de Vasconcelos Thompson, D. Maria Guedes de Almeida Coutinho e filha, D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Thompson, D. Rita Correia de Sampaio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), Madame Laura Carvajal, D. Eponina Mackee, D. Maria Fernandes de Aguiar, D. Maria Luísa Schwalbach Ribeiro da Silva, D. Maria Antonia Tedeschi Placido e filhas, D. Maria José de Vilhena de Magalhães Coutinho e filhas, D. Laura Sauvinet Bandeira, D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo, D. Beatriz de Sousa e Faro de Aguiar, D. Beatriz Figueira Freire da Camara da Costa Veiga, D. Guiomar Maria Ferreira Pinto Basto de Sousa e Menezes, D. Maria Empis Felix da Costa, D. Maria Benedicta Osorio da Rocha e Melo e filhas, D. Berta Marques da Costa Couto Lupi, D. Maria Cristina Ribeiro da Silva Cordeiro Feio, D. Maria das Dôres de Melo e Castro Trigoso, D. Maria de Andrade Macieira, D. Ana Marques de Freitas e irmã.

D. Helena Mauperrin Ferrão de Castelo Branco, D. Berta Mauperrin Santos de Castelbranco, D. Angela de Castro e Fontes, madame Rey Colaço e filhas, D. Amelia Rey Colaço Monteiro, D. Jeanne Rey Colaço de Castro Freire, D. Maria das Mercês Bianchi Plantier, D. Maria Natalia Leça da Veiga Pinto Coelho, D. Carina de Carvalho Megre, D. Adela Palau de Roura, D. Maria Domingas Basilio Castelbranco, D. Angelica Plantier, D. Margarida da Mota Canavarro, D. Luisa Gomes de Andrade e filhas, D. Teresa Perestrelo d'Orey Ferreira Pinto Basto, D. Ana e D. Maria de Lourdes de Mendoça Cirne, D. Maria Eduarda Correia de Barros, D. Berta Macieira Reis, D. Emilia Brederode Smith, D. Antonia Correia de Sampaio, D. Berta Pocariça da Costa Freire, D. Maria de Lourdes de Melo e Castro, D. Palmira Moutela, D. Laura Campos, D. Maria Emilia Pinto Coelho, D. Maria Emilia Gomes de Miranda, D. Margarida Q. Pinto Coelho, etc., etc.

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã, em S. Carlos, 31.ª recita de assinatura ordinaria, com a opera «Bohème», no S. Luiz, festa artistica da brilhante actriz cantora Aldina de Sousa, com a reprise da linda opereta «Viuva Alegre», e no Cinema Condes, «soirée» da moda.

Em viagem

Vindo da Figueira da Foz, está em Lisboa o sr. conselheiro José Jardim.

—Deve regressar ámanhã ao Porto o distinto advogado sr. dr. Francisco Ferreira e Sousa de Sequeira.

—Está em Lisboa, vindo de sua casa em Elvas, o sr. Mario Rodrigues de Vasconcelos.

—Vindo da Golegã está em Lisboa o sr. Carlos Mendanha.

—Parte brevemente para a sua casa em Estremoz a senhora D. Amelia da Silva.

—Partiram para Hamburgo os srs. Ruy Santos e Humberto Lima.

—Para S. João da Madeira partiu o sr. Vitorino Tavares Lisboa.

—Partiu para o Porto o sr. Carlos Alberto Correia Guedes.

—Encontra-se na capital, vindo do Porto, o sr. Antonio da Cunha.

THEATRO SÃO LUIZ

EMPREZA A. RAMOS, LIMITADA

Concertos BLANCH

Domingo, 12 — Matinée ás 3 horas da tarde

10.° CONCERTO D'ASSINATURA

da

ORCHESTRA SYNFONICA PORTUGUEZA

dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH

no qual toma parte a eximia pianista

D. MARIA ANTONINA MOREIRA

PROGRAMMA—1.ª PARTE

I — **Rosamonde**, ouverture . . Schubert

II — **Pavane pour une Infante défunte** . . . . Ravel

III — **Morte e Transfiguração**, poema synfonico . . . . . . Strauss

2.ª PARTE

IV — **12.ª synfonia** (em sol maior) Haydn
a) Adagio-Allegro
b) Largo
c) Menuetto
d) Allegro com spirito

V — **Ballada para piano e orchestra** . . . . Freitas Branco
Piano — D. MARIA ANTONINA MOREIRA

3.ª PARTE

VI — **Peer Gynt—Chanson de Solvejg** . . . . Grieg

VII — **Leonore**, ouverture n.° 3 . Beethoven

Bilhetes á venda.

LITERATURA

DO LIVRO "FÓRA DE PORTAS" DO ESCRITOR FERNANDO EMIGDIO DA SILVA

PUBLICA-SE UM DOS CAPITULOS INTITULADO "UM SARAU DE ESTUDANTES"

Fernando Emigdio da Silva, que acaba de publicar um interessante volume de cronicas intitulado Fóra de Portas, *revela-se um belo escritor, cheio de brilho e de observação. Desse livro, o* Diario de Lisboa *transcreve hoje o capitulo intitulado* Um sarau de estudantes.

A festa com que os estudantes estrangeiros da Sorbonne solenizaram, em Junho ultimo, o fecho do ano lectivo realizou-se na chamada sala da Concordia, «boulevard» Saint Germain. Vinte e duas nacionalidades encontravam ali a melhor representação do seu sorriso. Ramus poderia repetir as palavras da Renascença: «Esta Universidade não é a Universidade de uma cidade sómente, mas de todo o mundo universal». Ali estava, com efeito, a flôr da mocidade dos dois mundos. A mocidade—ceifada pela guerra. A mocidade, salva da tormenta, que proclamava emfim o seu direito de viver. Julguem por ai do sarau. Era o abrir das rosas das roseiras. E era uma alegre torre de Babel. De Portugal á Grecia—toda a Europa neutra e aliada. A America que atravessara o Atlantico; o Japão que passara um continente e dois mares; ninguem faltava nessa noite. Da Russia desmembrada tinham vindo as gentes louras da Polonia e da Finlandia, e não sei se da Lituania, da Estonia e da Ukrania . . . Havia tchecos-slovacos e yugo-slavos. Havia romenos e gregos. Os [illegible] das esperanças juvenis [illegible] des a feliz cotação dos seus cambios. A bem dizer não existia neutro que lá não estivesse. Eu vi suecos, noruegueses, espanhois, dinamarqueses, suiços, holandeses... As grandes tragedias pendentes, sobre as quais passara em vão a paz de Versailles, tambem se evocavam, patentes. Da Russia viram-se foragidos á inclemencia dos homens e dos tempos: estranhos, scintilantes olhares de raças novas e fortes. Mademoiselle Tatiana de Sanzéwitch, por exemplo, ostentava nos seus prodigiosos quinze anos um talento famoso de pianista, já coroado pelo *grand-prix* do Conservatorio. Outros russos resplandeciam. Cantou algumas «árias» um antigo soprano da ópera de Viena, hoje cursando letras. Da Armenia martirisada tambem emigrara um sorriso de mulher. Os grandes aliados brilhavam igualmente. Havia belgas. Havia italianos. Havia ingleses. No seculo XVIII, já lord Chesterfield mandava os seus filhos a Paris, para lhes tirar a «ferrugem de Cambridge». Mais uma vez John Bull, matriculado exportador de gentes e carvões, expedira em séries o costumado «stock» humano do seu fabrico—com duas ideias nos miolos para acreditar a mercadoria e com duas solas nas botas para jogar o *foot-ball*...

Todos estes mundos ardentes se encontravam—na sala da Concordia. Assim eles se tivessem encontrado—na galeria de Versailles. Tudo sorria. Sorriam os vinte anos que são os mesmos em todas as patrias e foram sempre os mesmos em todos os tempos. Esse riso fazia de esperanto. Falavam todos por ele. Entendamo-nos, no emtanto. Não era o rir do Bal-Tabarin. No Bal-Tabarin ha só estudantes. Aqui havia estudantes e professores. Mas se os professores eram o *moderador*, o *legislativo* estava democraticamente na plena posse academica. Os estudantes davam a lei. E o sarau fabricado por eles tinha o ar das conhecidas oficinas onde se fabrica a lei. Com uma diferença a favor. A de que todo aquele tumulto era um alegre tumulto. E com uma diferença contra. A de que toda aquela gente falava bastante mal o francês. Falar bem o francês? Mas nem sempre se faloú bem o francês—na Sorbonne. Dantes, na Sorbonne, falava-se bem o latim. Foi ha dois seculos apenas. Quando Rollin escreve em francês o seu famoso tratado, desculpa-se de uma tentativa, «dans un genre d'écrire qui est presque nouveau pour lui». E d'Agueneau dispara-lhe este elogio imprevisto: «Vous parlez le français comme si c'était votre langue naturelle».

Eu não vou descrever o sarau. Descanse o leitor. Um sarau de estudantes é como certas comedias do Gimnasio. Fazem rir. Mas não se descrevem. E um sarau de estudantes é como uma sessão de certo Parlamento. Vista uma, viram-se todas. Dir-me-hão talvez. Estudantes de vinte e duas patrias hão-de fazer uma obra distinta? O que fazem é uma confusão maior. Um sarau academico de vinte e duas patrias funciona neste particular como a Sociedade das Nações. Ninguem se entende...

Simplesmente...

Eu não sei se o sr. Wilson saberia compôr o programa daquela festa. O sr. Wilson dá-nos os trovões do Sinai com o bater de um pau numa lata? Mas é preciso não deixar ver o batuque, nos bastidores... O sr. Wilson dá-nos o «Cantico dos Canticos» com os sopros de um fole numa flauta? Mas não ha aria que se suporte com uma só nota em falsete.

Eu concedo, porém. Sobejassem ainda ao sr. Wilson predicados de gracioso: o que até hoje, suponho, ninguem lobrigou nesse empolado teologo. Ha uma cousa que o sr. Wilson seria incapaz de contratar para Genève: o fino espirito dos comparsas daquele sarau de estudantes...

Ah! o gracioso, o delicado, o inolvidavel remate que a mocidade e vinte e duas patrias encontrou, unisona, como medida comum dos sentimentos dispersos. Em desafio o sr. Wilson a afinar com igual acerto a sua destrambilhada orquestra. Imagine, de resto, o leitor. Aqueles rapazes tiveram uma ideia endiabrada. A de fazer conjugar sucessivamente o presente do indicativo do verbo *amar* nos dezasseis idiomas falados pelas vinte e duas nações representadas no sarau. *Eu amo, tu amas, ele ama...* Aí está uma proeza que excede as faculdades dos diplomatas de Genève. Faltam-lhes os vinte anos. E faz pena. Porque não sei de verbo, cuja conjugação mais se recomende, como exercicio gramatical, aos plenipotenciários da Paz...

Assim terminava, com efeito, por parte dos estudantes estrangeiros da Sorbonne, o programa da sua festa. O presente do indicativo do verbo *amar*, na sua variação idiomática, desfilando aos nossos ouvidos como um indice etnológico. Mais ainda. O verbo supremo da vida como que definindo, de país para país, todos os recantos da terra. O *home* inglês que as névoas vindas do mar isolam na sua paz recolhida e discreta. A paixão slava, misteriosa como as brenhas de suas barbaras faias. O coração da Noruega, rugado de escarpas agrestes como os *fiords* das suas costas. Arroubos misticos em louras mocidades do norte; untados quebrantos em raças velhas e gastas; coleras e rezas; fulgores e perfidias; esperanças e saudades; o bem infinito e o infinito mal de amar: toda a humana tragedia e todo o destino dos homens transparecendo afinal nas conjugadas três pessoas, singulares e plurais, do verbo fatidico. Porque através o espaço, o tempo, os preconceitos, as latitudes e as raças: não há outro motor que nos asperos trilhos da terra encaminhe os passos vacilantes e não há outro facho que acenda a nossos olhos mortais as estrelas do ceu...

Eu amo, tu amas, ele ama... Ou ela ama...

O feliz achado dos rapazes! Ninguem se entendia. E todos estavam de acordo. Até nos confins da Finlandia se falava de amor, numa linguagem que parecia feita do rugar de pombas rugadas... Até na Grecia, longinqua e dubia, o puro amor não perdera o lugar dos dicionarios vigentes. O leão de Castela abanava aos ventos a juba orgulhosa: *Eu amo...* O leopardo britanico sorria á sua prema: *tu amas...* Os gelos da Scandinávia derretiam-se ao calor do Meio-Dia. *Eles e elas amam*, tambem por lá...

No palco, só faltava Chantecler—para cantar ao Sol nascido.

Os estudantes estrangeiros da Sorbonne não o esqueceram porém. Ao terminar a ultima variante da conjugação enunciada, um academico belga disse, em puro francês, estas palavras galantes:

—Meus senhores e minhas senhoras. E' provavel que v. ex.as não tenham entendido o que os meus camaradas acabam de dizer. Vou traduzi-lo em francês. Os meus colegas, cada um no seu idioma proprio, disseram exactamente o seguinte:

J'aime
Tu aimes
Il aime
Nous aimons . . . la France

Eles amavam — a França!

E de pé, na sala como no palco, publico e actores — todos cantaram em côro a *Marselhesa*.

O belo fecho do sarau! Para a Universidade e para a França — era toda uma vitória politica.

A Universidade não moldara só as intelligencias. A Patria ganhára os corações. Através a Sorbonne pulsava a alma da nação. Alguma coisa dessa alma ia partir com todas aquelas gentes estranhas . . .

Mas não era só uma vitória politica.

Eu não sei até que ponto os estudantes estrangeiros da Sorbonne iriam fazer irradiar o pensamento francês. Eu não sei até que momento perdurariam nos afectos as recordações da mocidade. Pode ser que esquecessem em breve a França hospitaleira. Pode-me que das lições dos mestres nada levassem comsigo.

Duas cousas, no emtanto, pareciam adquidas por êles.

A cortesia francesa e o espirito de Paris.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Interrupção na linha da Louzã

Em virtude do desabamento de uma barreira ao quilometro 14,200 da linha da Louzã, está suspensa a circulação de comboios entre Trémoa e Louzã.

Até novo aviso não se vendem bilhetes nem se despacham bagagens para as estações daquela linha situadas além de Trémoa, nem se aceitam remessas em grande e pequena velocidade para as estações além de Ceira.

Lisboa, 4 de Fevereiro de 1922.—O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita*.

Nacional Telef. C. 2049 Sucesso incomparavel

NOITES DE ALEGRIA

O Centenario

Enchentes todas as noites
Suspensas as entradas de favor

COMPANHIA FRANCESA DE

MADAME PIERAT

Até ao dia 12—Registo dos assinantes das «premières».

Desta data em diante assinatura avulso, que se faz todos os dias no escritorio da Administração, das 13 ás 17 horas, entrada pelo largo de Camões (Arcada).

POLITEAMA

A's 21,30 Telef. N. 3:028

A admiravel peça de A. SAVOIR

15.ª a 8.ª MULHER DO BARBA AZUL

Versão de E. Rodrigues, F. Bermudes e J. Bastos

GRANDE EXITO DE LUCILIA SIMÕES

Orquestra Sinfonica de Lisboa

Domingo, 12 — Concerto extraordinario —Regencia de FERNANDES FÃO.

TEATRO SALÃO FOZ

HOJE—Despedida do distinto actor MATIAS DE ALMEIDA

O novo quadro de sensação

AMOSTRAS SEM VALOR

a mais atraente das revistas

Bichinha Gata...

Rir sem cessar—Enorme exito da COMPANHIA OTELO DE CARVALHO

AMANHÃ—Reaparição do ilustre e popularissimo actor Antonio Gomes, da Trindade.

TEATRO CHIADO TERRASSE

Companhia LUZ VELOSO

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

A engraçadissima comedia adaptação de André Brun

O JUIZ DE FORA

NOITE DE FESTA E DE GARGALHADA

Estão suspensas as entradas de favor

QUARTA-FEIRA, 15.—Festa artistica de Teodoro Santos—O JUIZ DE FORA—Bilhetes á venda.

EDEN-TEATRO

Empresa Henrique Barreiros, Limitada—Companhia de revistas de Antonio de Macedo, de que faz parte o actor Nascimento Fernandes

2 SESSÕES

O sucesso maximo de todas as epocas

A revista sempre triunfante! O exito do dia!

O 31

Um numero repetido sete vezes em cada sessão—A Desgarrada, com piadas e comentarios aos casos do dia

Todas as noites coplas novas

Segunda-feira—Grandioso festival em homenagem aos autores do 31—Luís de Aquino, Pereira Coelho e Alberto Barbosa.

PROGRAMA EXCEPCIONAL

CARNAVAL DE 1922

4 soberbos espectaculos e deslumbrantes bailes 4

HOJE 6.ª FEIRA Dia 10 APOLO

As 21,15

P. A. M.

Todas as noites grande exito de gargalhada com o numero

Eu nã sou "trouxa" nin nada!

pela distinta actriz Dora Vieira

Na segunda-feira, recita de Luís Lemos. Novidade: «A mentira do heroi».—Bilhetes á venda.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Hoje, até ás 5

Estive hoje toda a tarde, entre a Havaneza *e a* Brasileira, *do Chiado, naquela posição de pernalta que distingue os habitantes do Chiado.*

Já não via o Chiado, assim, como espectador ha muito tempo. Ha muito tempo que, no Chiado, eu adoptara a peor das situações — a de transeunte.

Mas lembrava-me muito bem de que o Chiado visto assim, duma parede, tem um encanto irreprimivel e proprio. O encanto do movimento — dos outros. E em especial o encanto das mulheres que passam, em farandula, como um harem movel.

Vêr mulheres! Ha homens que atravessam a vida a vêr mulheres, como os ha a vêr quadros, a coleccionar cachimbos ou a juntar Camilo.

O culto pela mulher—este culto do Chiado — tem qualquer coisa de gosto de bric-à-brac, *um* bric-à-brac *de mulheres novas, ou mulheres velhas, restauradas.*

Puz-me a vêr mulheres e espevitei os sentidos para o banho morno das lascivias platonicas. Relembrei outras tardes gloriosas, em que eu saia do Chiado com a cambaleante noção de ter aspirado eter, e saias finas, e «lorons» boleados, e setins e setinetas infloravam nos meus sentidos; e teorias de mulheres esbeltas cancaneavam nas minhas pupilas.

Era o meu opio-das-cinco.

Hoje lá estive. Chamei todas as reservas da aguda arte de vêr mulheres. Esperei.

Passaram mulheres banais. Passaram mulheres mal vestidas. Passaram pequenas burguesas. Pessoas — pensava eu — que a policia, agora que tem casse-tête, *devia impedir de desaguar aqui; devia fazer tornejar para outras ruas. No Chiado, tal como não passam carros electricos, não deviam passar mulheres feias.*

Mas as mulheres feias passavam. Em especial, as mulheres magras. Muito magras, incrivelmente magras.

Fui-as vendo—como um aperitivo. O osso é um bom aperitivo—para a carne.

Assaltou-me, a certa altura, a lembrança de Beldemonio. E lembrei-me de que ele descobrira que havia dias de mulheres feias e dias de mulheres bonitas.

Santo Deus! Caira eu num dia de mulheres feias?! Feias, não. Elas o que eram, especialmente, eram magras.

Teriam emagrecido, as mulheres do Chiado, durante a minha auzencia? Mandavam as magras á frente — a abrir caminho, a cortar o vento?

Ah! Não! Era o dia. Sexta-feira. Dia de jejum. Dia de magro. Abstinencia . . .

Afonso de Bragança.

O sr. Freire de Andrade

Vai ou não negociar o convenio luso-transvaaliano?

O sr. ministro das Colonias vai instar com o sr. Freire de Andrade para que aceite o encargo de negociar o convenio luso-transvaaliano, esperando que o sr. Freire de Andrade não recusará tal missão; no caso afirmativo deverá partir para Moçambique no proximo mês de Março.

A explosão na doca dos submarinos

O funeral das vitimas

Parece que os funerais das vitimas da explosão de ontem serão feitos por conta do Estado.

PORTUGAL E A UNIÃO SUL-AFRICANA

COMO DEVE SER RENOVADA A CONVENÇÃO COM O TRANSVAAL

No Parlamento da União um deputado acusa o nosso país de improgressivo e decadente

O "Diario de Lisboa" entrevista o sr. Jaime Teixeira, que chegou ha dias de Moçambique

Ha um problema colonial que está na ordem do dia: são as negociações para a convenção luso-transvaliana. O futuro da provincia de Moçambique depende em grande parte da maneira como fôr resolvido, entre os representantes da União Sul Africana e o delegado português, esse problema, de uma capital importancia para o desenvolvimento da nossa grande colonia da Africa Oriental.

O sr. Jaime Teixeira, intendente geral de emigração em Moçambique, que desempenhou uma importante missão de caracter diplomatico junto do governo da União Sul Africana, quiz ter a amabilidade de confiar ao *Diario de Lisboa* as suas impressões sobre este assunto. Sabiamos já que o sr. Jaime Teixeira, a quando da sua passagem por Johannesburgo, ofereceu um jantar á Camara de Minas, mantendo as melhoras relações com as autoridades da União.

O jornalista fez-lhe esta pregunta:

—Em que bases vai ser renovada a convenção com o Transvaal?

O sr. Jaime Teixeira:

—São assuntos de natureza confidencial, que devem ser postos com uma grande reserva. Em primeiro logar, devo dizer-lhe que é absolutamente necessario formar uma corrente de opinião sobre este importante problema colonial, que afecta os interesses maximos da provincia de Moçambique. Essa corrente já existe em Moçambique—concreta e absolutamente definida. Necessario se torna conjugar com a opinião dos colonos de Moçambique sobre este assunto a opinião de todos os coloniais que residem na metropole e firmar uma solida conjunção de vontades.

—?

—Apezar das naturais reservas que o assunto me impõe e dada a minha situação oficial, entenda que os interesses de Moçambique estão bem entregues ás pessoas que se indigitam para negociar o novo convenio. O que é preciso? Assegurar a Moçambique a mão de obra de que necessita —o que só pode ser feito pela fixação do limite de recrutamento dos nossos indigenas, e garantir as compensações a que nos dão direito os grandes sacrificios que temos feito para apetrechar convenientemente o porto de Lourenço Marques.

—?

—Estes dois pontos a que me referi marcam bem a distinção que ha a fazer sobre a natureza da nova convenção. A parte comercial—trafego, tarifas ferroviarias e pautas—está confiada a uma pessoa de reconhecida competencia: o ilustre engenheiro sr. Sá Carneiro. A parte mais importante da convenção é a parte indigena—pelo que representa para nós, quer sob o ponto de vista economico, quer sob o ponto de vista politico.

—?

—A convenção de 1 de abril de 1909, que devia expirar em 1919, se qualquer das partes a tivesse denunciado, praticamente só termina em 1923, devendo entrar em vigor a 1 de abril deste ano a nova convenção. Pelo actual convenio, que substituiu o anterior *modus-vivendi* com o Transvaal, nós permitiamos o recrutamento de indigenas sem fixação ou limite de numero. Vê claramente as desvantagens que nos resultaram dessa disposição. Quem assinou esse documento tinha, por certo, os olhos fechados para o progresso da colonia de Moçambique

«Ao mesmo tempo que autorizamos o recrutamento de indigenas por esta forma tão prodiga, não reservamos para nós, sequer, o direito de fiscalizar, *por forma eficaz*, as operações de recrutamento, ás quais, por uma disposição do convenio, não podemos opôr qualquer ligeiro embaraço ou dificuldade, em bora, por vezes, razões da mais alta conveniencia nos aconselhassem a defender os interesses economicos do sul da provincia, ou seja dos três distritos onde se faz o recrutamento.

—?

—Sobre este ponto, sem pretensões de aconselhar as altas individualidades indicadas para negociar a convenção, entendo que não devemos transigir. Continuará o recrutamento de indigenas nos três distritos do sul de Moçambique, porque assim deve ser, a fim de mantermos a melhor harmonia de relações entre os dois países. *Mas é conveniente fixar o limite de braços que podemos dispensar ao Rand*, de harmonia com as necessidades de mão de obra que tanto se fazem sentir ao sul do paralelo 22.°.

«Por outro lado é inadmissivel que a «Witwatersrand Native Labour Association», sociedade estrangeira que recruta os indigenas de Moçambique, continue com o monopolio desse recrutamento. E' necessario atender á acção prejudicial dos nossos interesses exercida pelo pessoal recrutador daquela associação. Este pessoal é, na sua grande maioria, estrangeiro; está em permanente contacto com o indigena e exerce sobre ele um grande predominio. Entre vinte engajadores, que trabalham nos três distritos do sul, apenas cinco são portugueses. E' facil de ver o resultado desta situação. E como exemplo frisante apenas quero citar a circunstancia de ter a Associação recrutado no ano anterior 53:600 indigenas, quando o mais elevado numero desde 1909 nunca foi além de 42:000, dando-nos uma média de 39:780 indigenas por ano.

—?

—Esta intensificação de recrutamento deu-se precisamente quando as necessidades de mão de obra, no distrito de Lourenço Marques especialmente, aumentavam dia a dia, a par do desenvolvimento agricola e industrial daquele importantissimo distrito. Insisto em que não é possivel, sem correrm os risco de comprometer irremediavelmente o futuro da colonia, que o recrutamento continue sem limite. E para justificar esta minha insistencia,

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

A lampada PHILIPS

E' sempre preferida em todo o mundo, por ser a melhor

RAUL VIEIRA, Ltd.

RUA DA PRATA, 51 — TELEFONE 3586 C.

Tem DEPOSITO de todos os tipos e intensidades

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES

Lampadas para AUTOMOVEL e para FOGÃO

Os Teatros

A "Bohème" em S. Carlos

A opera «Bohème». Ruido, alegria, mocidade, toda a côr local do turbulento bairro latino onde esturdios de alma cheia de ilusões e algibeira vasia amam em candida comunhão de romanticos ideais, ingenuas costureiras de bocas a florir sorrisos e pulmões a enfarinhar-se.

Se é certo que a «Bohème» é das frioleiras musicais de Puccini uma daquelas em que mais claramente se reflecte a sua tendencia para armar ao exito, esse êxito efemero que o gosto das multidões transigentemente concede áqueles que o lisonjeiam, não é fora de duvida que ela é tambem uma daquelas onde, de espaço a espaço, mais sallientemente aparece a scentelha do talento que indiscutivelmente existe em Puccini a mostrar-nos o que ele poderia fazer se num dia quizesse pôr de lado essa preocupação do agrado facil que sempre o acompanhou, para enveredar no caminho da Arte séria e sincera. E assim na «Bohème», nesta buliçosa «Bohème» que parece uma opera para crianças, passagens aparecem onde ha nervos e sinceridade, intuição musical e sentimento dramatico.

Para fazer ressaltar essas qualidades no teatro S. Carlos muito contribuiu decerto a boa interpretação que, quasi no geral, lhe foi dada, por Vittório Gui em primeiro logar, dirigindo admiravelmente toda a opera e depois, pelos srs. Anaita Conde cuje interpretação da «Mimi» foi muito notavel, sendo aplaudida ao terminar o «racconto»; Alma Bucci que fez uma magnifica «Musette», encantadora de «coquetterie» e de graça frivola; Bagnariol, que fez o que poude no Rodolfo; Roggio, que ontem se estreava e que deu optima impressão no papel de «Marcelo» cantando com alma e... pintando com pasmoso desembaraço; Giulio Cirino, que tem o condão de tornar grandes os mais pequenos papeis e que, com muita justiça, foi aplaudido na popularissima aria da «vecchia zimarra»; e Lazaro Eranzkin e Cezare Spadoni que concorreram conforme puderam para o bom efeito do conjunto. Os coros muito bem, não faltando na movimentada scena do segundo acto toda a «verve» e exuberancia requeridas.

Oliva Guerra

Atrás do reposteiro

Logo apos o Carnaval entrará em ensaios no teatro Nacional a interessante peça humoristica «O Tufão» adaptada pelo nosso brilhante camarada na imprensa sr. José Sarmento.

— Todos os scenarios da revista «Giga-Joga» que no Salão Foz sucederá á «Bichinha Gata», ainda em pleno exito, foram pintados por Salvador e Mergulhão. A musica é da autoria dos maestros Luiz Filgueiras e Hugo Vidal. Sabemos que a revista «Giga-Joga» terá uma apoteose aparatosissima e absolutamente original.

— Assistiu ontem ao espectaculo do teatro de S. Carlos a ilustre actriz Amelia Rey Colaço, que ha dias se encontra entre nós.

— A companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro, que actualmente funciona no teatro S. João do Porto, levou ante-ontem á scena a peça de A. Paso e J. Abati intitulada «A Menina Virtuosa». Da critica do «Primeiro de Janeiro» recortamos os seguintes periodos:

Espectaculo de um comico hilariante e irresistivel teve ontem o publico que frequenta a sala do nosso primeiro teatro com a representação da engraçada farça «A Menina Virtuosa», original dos comediografos espanhois Antonio Paso e Joaquim Abati.

.....

«Menina Virtuosa» dispõe agradavelmente o espectador com a acção embrulhada dos seus três actos movimentados e picarescos que provocam a gargalhada franca e ruidosa, tais são os episodios burlescos e as scenas comicas que se sucedem ininterruptamente no decorrer da peça, na qual tem um papel de excepcional relêvo o distinto actor Henrique de Albuquerque. Revelando uma das facetas do seu belo talento de artista, o festejado actor interpretou com flagrante naturalidade um papel comico que se ajusta perfeitamente á sua maneira e ao seu temperamento de comediante.

.....

O desempenho dá ensejo a que todos os artistas demonstrem as suas aptidões para a scena, na qual se evidenciou tambem uma novel actriz, Maria Salomé, que fez uma estreia auspiciosa, dada a desenvoltura com que interpretou o seu papel, pois, pisando o palco com segurança, manteve-se á vontade durante toda a representação. Não lhe faltam recursos para se impôr e triunfar, pois sabe dizer e possue figura apresentavel e distinta.

. . . . . .

A sala tinha farta concorrencia de espectadores, os quais manifestaram o seu agrado com nutridos aplausos nos finais d'acto.

O «Comercio do Porto» diz o seguinte da interpretação:

Henrique de Albuquerque, que ainda não tinhamos tido ocasião de vêr em papeis de folego que nos revelassem todos os seus recursos scenicos, provou-nos, ontem, que é um comediante de muitas e lisongeiras aptidões.

Maria Salomé, no seu papel de «Flora»—A Menina Virtuosa—conduziu-se por fórma que a sua estreia foi uma revelação de dotes scenicos a que não duvidamos assegurar um futuro artistico muito auspicioso.

Robles Monteiro, comquanto estivesse num papel inferior ás suas qualidades, portou-se com a correcção que o distingue.

— Hoje e ámanhã no teatro de S. Carlos em 30.ª e 31.ª recitas ordinarias repete-se a opera de Puocini «Boheme». Domingo, em 32.ª recita ordinaria será a ultima representação da obra de Wagner «Parsifal».

— Varios amigos do empresario Diamantino Delgado, gerente do Eden Teatro, oferecem-lhe um almoço no domingo, 19.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

O LEILÃO DE UMA "CAMILIANA"

O QUE DIZ AO "DIARIO DE LISBOA"

Cardoso Marta

escritor e bibliofilo

O "camilianismo" é uma doença

que tal como o "camoneanismo" e o "pombalismo" ha de passar com o tempo

Cardoso Marta, um dos poucos tipos curiosos que existem nesta cidade de Lisboa, sempre atarefado, a pasta repleta de papeis velhos e livros raros, é um bibliofilo de creditos arreigados, que tem autoridade para responder á pregunta seguinte:

—Que me diz do leilão da Camiliana, do Morais?

—Ora! Digo-lhe que ha gente que não sabe o que ha de fazer ao dinheiro. O *Diario de Lisboa* falava ante-ontem dos meus espantos. Espantei-me a fingir: mas hoje pasmo muito a serio. Você compreende estes preços?

—Por livros dum homem que morreu sem vintem...

—E que deixou ricos os editores. Mas a psicologia dos leilões é esta: as cabeças escandecem, e perde-se a noção do dinheiro... Menino que não daria dez tostões por um livro numa livraria, vai dar ali por esse mesmo livro, e ás vezes em peor estado, 3, 5 e 6 mil réis... Veja v. por exemplo o n.º 132 do catalogo, *A Prima do Algarve*, 1.ª edição, que está ainda á venda numa livraria da Baixa por 5 escudos e teve no leilão quem a quizesse por 17$50...

—Ouvi ou li dum livro que foi por 300$00. Quem o comprou?

—A Biblioteca Nacional, e acho bem. E' *A Infanta capelista*. Completa, quero dizer, com o maior numero de folhas que puderam obter-se, apenas se conhecem uns seis exemplares. Acho bem que a Biblioteca aproveitasse a ocasião de ficar com um que se lhe deparava... Lá fóra, um livro assim, seria cotado pelos Quaritch, pelos Nijhoff, pelos Hierseman, por alguns centenares de libras...

—Acredito. Conhece a historia do livro?

—Conheço, e aí vai em duas palavras: o imperador do Brasil D. Pedro II, visitando Camilo, preguntou-lhe o que estava escrevendo. O autor da *M.ª Moisés* confessou que estava a imprimir-se um livro (era esse) que tratava de um escandalo palaciano de uma Bragança. O monarca pediu a Camilo que sustasse a impressão da obra. Este mandou buscar as folhas impressas e para não ter aquela «papelosa» toda a atravancar-lhe a casa, ofereceu-a ao seu barbeiro que a passou logo a patacos. Um bibliofilo deu por isso e foi á mercearia onde o infausto romance estava servindo a embrulhar manteiga e sabão. Ainda apurou umas 8 folhas que deram 128 paginas. Alguem apurou mais exemplares; mas faltava-lhe uma folha do meio, que foi reimpressa.

Mais tarde Camilo remodelou o livro e reimprimiu-o completo com o titulo de *O carrasco de Victor Hugo José Alves*.

—Mas basta que haja num livro ou jornal uma simples referencia ao nome do Camilo para ser disputado pelos seus devotos?

—Não tenha duvidas. A esse ponto chega a mania de alguns. Então não havia aí um camonista, aliás inteligente e sabedor, que dizia que um dos espinhos que trazia atravessados, era não poder levar para a sua colecção a estatua da praça de Camões?

—Essa!...

—Chega a ser ridiculo. Se Molière ressuscitasse e viesse cá! Mas isto passa. E' uma epidemia. Deixe v. vir o centenario de Camilo, daqui a 3 anos. Passado ele, perdem todos esta tesura... passageira. Veja v.: ontem foi Camões, foi Pombal. Organizaram-se colecções *camonianas* e *pombalinas*. Hoje é Camilo: temos as *Camilianas*. A'manhã, virão herculanistas, os ecistas, os fialhistas... E todas estas febres continuarão a passar, com o quinino do esquecimento...

O peor é que á sombra disto aparecem os exploradores do nome e da obra do Camilo, que lhe caiam como abutres sobre a pobre carcassa. Durante anos rara era a semana que não saissem livrinhos, livretes e livrecos sobre Camilo, com tiragens limitadas ou numeradas, ou em papeis especiais, que eram vendidos carissimas... Os jornais e revistas fervilhavam de artigos por dá cá aquela palha... Uma coisa incrivel!

Bem sei que v. me vai dizer que eu tambem concorri para esse estado de coisas com um volume de *Cartas*. Mas o meu livro é uma coisa honesta: já em 1904, ainda se não pensava em camilismos, já eu planeava publicar um dia toda a correspondencia de Camilo. E lá vái para o prelo o 2.º volume. Deve dar uns 6 ou 7. Já vê que não é brincadeira...

— Muita gente, no leilão?

— Bastante, ainda assim.

—Quem levou a palma nas compras?

—Não sei, mas talvez a Biblioteca Nacional. Pelo menos, ficou com quasi todas os primeiras edições da obra de Camilo.

—Acho bem. Mas devem reservá-las e não as expôr á leitura publica, não acha?

—Sim, senhor. Para isso lá ha edições modernas e ainda no comercio. E já agora deixe-me dizer que a Biblioteca perde muito em não se fazer representar, em vez do seu empregado, por um cidadão qualquer, que arremataria para o sr. Zé Saloio, por exemplo. Assim fizeram em tempos o dr. Carvalho Monteiro, o medico da colonia alemã dr. Rosenblatt e outros. A Biblioteca Nacional evitaria assim especulações em volta do seu nome e da sua bolsa. Deve lembrar-se que, como primeira entidade bibliografica e bibliologica do país, os preços fazem cotação...

DE REGRESSO DO FORTE DE ELVAS

O ANTIGO CHEFE DO E. M. DA G. N. R.

Liberato Pinto

chegou hoje a Lisboa

Um redactor do "Diario de Lisboa"

ouve a descrição do desastre sucedido em Elvas e tenta em vão uma entrevista...

Não se sabia. Não o sabia pelo menos toda a gente: o tenente-coronel Liberato Pinto, ha meses retido em Elvas, poz pé esta manhã na «gare» do Rossio, modesto passageiro do comboio do leste, como pessoa pacata que nem sequer teve a pretenção de conquistar Olivença, durante a sua permanencia forçada em terras alemtejanas.

A locomotiva estacou na estação ás seis horas menos um minuto.

E o antigo chefe do estado maior da G. N. R. gastou muitos segundos a abraçar amigos, militares e civis —a «Imprensa da Manhã» prodigamente representada, elementos muitos dignos do nosso exercito, pessoas de destaque...

Uma recepção, em suma, tão intima quanto numerosa, apesar do atrazado da hora.

A anotar: ao lado do sr. Liberato Pinto, desde o pular do estribo, um sobretudo genero inglês, côr de cana, muito parecido com o sr. Carlos Pereira da Companhia das Aguas,

* * *

O jornalista observa, quando abraça o sr. Liberato Pinto, que os seus oculos continuam sendo mais olhos do que os seus olhos. O mesmo poder de lentes, o mesmo brilhar de brilhantes de primeira agua. O sr. Liberato Pinto oferece a impressão de quem nunca tivesse travado relações obrigatorias com o forte de Elvas — um fraco da sua vida de militar disciplinador e disciplinado.

Os seus oculos projectam luz e projectam projectos. São ainda, como aqui ha meses, os holofotes que do quartel do Carmo inundavam de luz, emquanto era noite, a Costa do Castelo.

Veste á paisana. Iamos jurar que envergava um sobretudo já nosso conhecido dos tempos do ministerio Antonio Granjo. Indumentaria modesta.

E a descorar um pouco aquele sorriso que venceu gréves com camions-metralhadoras, um traço de pezar só descortinavel para quem o descobre para além dos oculos.

Acompanham-no dois filhos — um casal. A menina tem a fronte ligada, cinco pontos naturais. O tenente-coronel Liberato Pinto explica de fugida:

— Um desastre. O «tilbury» em que viajavamos, da cidade para a estação, resvalou por uma ribanceira.

E conta a tragedia que suportou. A sua dôr de pai, a dificuldade de encontrar socorros, a chegada ao hospital, um empregado que tem que se lhe diga para encontrar um ajudante de enfermeiro, o ajudante de enfermeiro que se confessa impotente para fazer o curativo, o enfermeiro que, emfim, aparece e cuida do ferimento.

Tudo isto é dito brevemente junto do balcão da guarda fiscal.

O redactor do «Diario de Lisboa», o unico jornalista que assistiu á chegada do sr. Liberato Pinto —exceptuando, é claro, os seus colegas da «Imprensa da Manhã» — pensa em arrancar do antigo presidente de ministerio algumas palavras que possam marginar um quadro de entrevista.

— Nada! Nada! Nada! — diz o sr. Liberato Pinto, suavemente — Para ninguem!

São seis e vinte da manhã, o ex-chefe do estado maior da G. N. R. está fatigado, é esposo, é pai, tem uma filhinha que acaba de escapar dum desastre e uma esposa que o espera, muito doente tambem.

Seria barbaridade insistir. Os amigos, numerosos se atendermos á inconveniencia da hora e ao quasi imprevisto da chegada — despedem-se.

O sr. Liberato Pinto entra num automovel vagamente cinzento. Olhando para os bastidores dos seus oculos, o jornalista julga descortinar num sorriso de alegria — sorriso mais forte do que todas as tristezas intimas — o proverbio que segue, em forma de projector:

— O bom filho, á casa torna.

Neste momento o automovel pôs-se em marcha e, por causa das posturas, desceu para o Rossio em vez de subir a calçada do Carmo...

Sarmento Duque

AS NOVAS AUTORIDADES

O SANEAMENTO MORAL DA CIDADE DE LISBOA

JOGO, MENDICIDADE E PROSTITUIÇÃO INFANTIL

E' entrevistado pelo «Diario de Lisboa» o sr. capitão Viriato Lobo, novo governador civil do distrito

O novo governador civil de Lisboa concedeu-nos há bocado uma entrevista de cinco minutos. Disputado pela presidencia do ministerio e por varios administradores de concelho, o sr. Viriato Lobo, oficial do exercito, membro do partido democratico e homem inteligente, foi-nos dizendo:

—Em duas palavras: vou tratar de fazer o saneamento moral da cidade.

De pé, fumando, com o seu casaco de peles:

—Sim, o jogo há-de ser reprimido. Disse-o já ontem, no meu discurso da posse...

—Como v. ex.ª sabe as investigações de 19 de Outubro dependem muito da acção do governador civil.

—Não, senhor! O sr. dr. Alexandrino de Albuquerque tem autonomia. Acatarei as instruções do poder judicial.

—Saneamento...

—Quero reprimir a prostituição infantil e atenuar a mendicidade. Extinguil-as, como sabe, é impossivel. Não se pode ficar em palavras. Necessito duas coisas para executar o meu objectivo: dinheiro...

—E edificios...

—Edificios tambem, mas o principal é ter dinheiro. O Estado não o tem, portanto, necessito que a imprensa me auxilie.

—A apreensão de armamento?

—Continúa.

—V. ex.ª quando tomou posse do seu logar encontrou o problema da ordem publica por resolver?

—Não! O Agatão Lança deixou isto muito bem...

—Concordamos, mas v. ex.ª, sr. governador, concordará tambem que, quando ha governo, ha descontentes...

—Sim... Todos têm direito a fazer a sua propaganda. Agora, afirmo: *não ha nada.*

—Politicamente a sua acção?

—Como sabe sou partidario. Não estou aqui para fazer politica. Serei imparcial para gregos e troianos.

—Temos então o saneamento moral da cidade.

—Vai ser a minha obra.

E mais não disse o sr. governador civil.

UM DESFORÇO DE COMERCIANTES

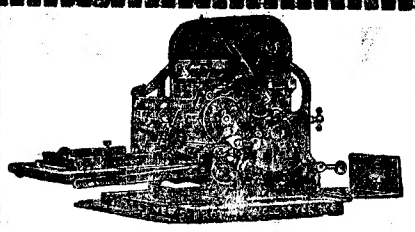
E' posto em liberdade um dos autores

Um jornal da manhã noticiava hoje que ia ser enviado para juizo o comerciante sr. Henrique de Sousa Barbosa, que era acusado de ter alvejado a tiro o seu socio sr. Vitor Guedes. Podemos afirmar, pelos depoimentos das testemunhas, que foi o sr. Guedes quem primeiro puxara dum revolver. Nessa ocasião o sr. Barbosa sacou da algibeira uma pistola para se defender. Por este motivo foi posto, ontem de tarde, em liberdade o sr. Barbosa.

As eleições no Funchal

Assembléas que funcionaram ilegalmente?

Dizem-nos da Arcada que consta ali haver protestos contra as eleições no Funchal, onde não funcionaram assembleias e outras funcionaram ilegalmente, tendo-se dado irregularidades a que a imprensa se referiu na ocasião e que naturalmente terão de ser apreciadas pelas comissões de verificação de poderes.



CADA ESCRITORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!

O DUPLICADOR

RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A. Gestetner

70 cópias por minuto

pode ser nos dois casos de imensa utilidade

Peçam detalhes á casa

— A. GESTETNER —

Rua da Conceição, 125, 4.º

LISBOA Telefone C. 320 LISBOA

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA
Rua do Ouro, 18, 24

PORTO
Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

---

PREFERIR O CHÃO SEM FENDAS

"CORTICITE"

(PROPRIO PARA ESTABELECIMENTOS, SALÕES, QUARTOS, CASAS DE BANHO, COZINHAS, TERRAÇOS, ETC.)

É ALIAR O BOM GOSTO Á ECONOMIA E Á HIGIENE

ORÇAMENTOS GRATIS ENVIAR PEDIDOS AOS UNICOS FABRICANTES

ESTABELECIMENTOS HEROLD, L.DA

Telefone C.-2720 LISBOA R. dos Douradores, 7-1.º, 2.º e 3.º

Empreza Internacional, L.da

Rua Augusta, 76, 1.º

TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346

TELEGRAMAS:---GALVANICA

APARELHAGEM ELECTRICA PARA ALTA E BAIXA TENSÃO

VOIGT & HAEFFNER A. G.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa

Para carga e passageiros trata-se com os agentes

Pinto & Sotto Mayor

R. do Ouro, 24

Telefone n.º 1227 C. LISBOA

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

Venda de cerca de 1.500 quilogramas de apára de papel limpa e suja

Faz-se publico que até ao dia 20 do corrente, ás 13 horas, se recebem no Serviço de Fiscalização e Estatistica da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste (Imprensa dos Caminhos de Ferro do Estado) propostas para a venda de cerca de 1500 quilogramas de apáras de papel limpa e suja.

As propostas serão entregues em carta fechada, tendo no envelope a designação «Concurso para a venda de apára de papel limpa e suja», e caucionadas com a importancia de 10$00 que será depositada na Tesouraria destes Caminhos de Ferro, devendo nas mesmas ser indicada a oferta por cada uma das qualidades de apára.

Caso os preços não convenham fica reservado o direito de não se proceder á adjudicação.

O caderno de encargos acha-se patente na repartição da Imprensa dos mesmos Caminhos de Ferro, todos os dias uteis, das 11 ás 17 horas.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1922.

O chefe de Serviço de Fiscalização e Estatistica.—*C. de Vasconcelos Porto*

SÉDE DO "DIARIO DE LISBOA"

Rua Luz Soriano, 48

DINHEIRO

Empresta-se sobre ouro, prata e brilhantes e sobre todos os objectos que ofereçam garantia.

Empresta-se sobre louças antigas e compram-se todas as qualidades das mesmas.

ANTONIO PEDRO DA SILVA

R. DAS GAVEAS, 6, 1.º

TEL. 1.096

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

ELECTRICIDADE PORTATIL

Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarchas, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.

EFEITO SURPREENDENTE!

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

CASA TRIUNFO

R. Augusta, 72, 74

LISBOA

AGENCIA GERAL DE ANGOLA

(Instituição oficial criada por decreto do Alto Comissariado da Republica em Angola, n.º 16, de 19 de Maio de 1921)

SÉDE—RUA DA MADALENA, N.º 237, 1.º ANDAR—LISBOA

ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGENCIANGOLA»—TELEFONE C-3557

OS SERVIÇOS A CARGO DA AGENCIA SÃO OS SEGUINTES:— Serviços de colonização e imigração; Aquisição de materiais e demais artigos destinados ao Governo Geral de Angola; Serviços relacionados com emprestimos; Serviços de propaganda da Provincia e informações.

Esta Agencia Geral presta todos os esclarecimentos que digam respeito á provincia de Angola e que lhe sejam solicitados por qualquer pessoa

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & CT.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

ESTRANGEIRO

Uzem os SABONETES de
A PERFUMISTA
Deposito
J. COIMBRA JUNIOR & CT.ª
Escadinhas da Saude, 10, 1.º

NOTICIAS DE MADRID

20:000 soldados

espanhois vão

ser em breve repatriados

e ficarão nas varias guarnições do litoral do sul de Espanha

Como se vai fazer a operação do bloqueio de Alhucemas

MADRID, 10

Vão ser repatriados vinte mil soldados que combatem em Marrocos. Estas tropas ficarão nas guarnições das praças do litoral do sul da Espanha prontas para voltar a Marrocos em caso de necessidade. Esta repatriação deve começar dentro de três semanas.

Tem sido objecto de conversações a operação projectada contra Alhucemas.

Foram adquiridos monitores á Inglaterra para facilitar o desembarque O bloqueio de Alhucemas será feito por pequenos barcos demandando pouco calado de agua e artilhados de dois canhões cada um um.—(U. P.)

A acção dos aviões

Os aviões bombardearam duas povoações rebeldes tendo arrojado cento e vinte cinco bombas. Produziram-se varios incendios e os habitantes fugiram em varias direcções. —(U. P.)

Morte dum bispo

MADRID, 10

Faleceu em Cuenca o bispo d'aquela diocese, —(R)

O VATICANO

diz que o novo Papa não concedeu entrevistas aos jornais

ROMA, 10

O «Osservatore Romano», autorisado pelo gabinete de Estado do Vaticano, desmente que o cardeal Ratti, durante a sua estada em Roma, tivesse concedido quaisquer entrevistas aos correspondentes ou directores de jornais, sendo pura invenção as entrevistas publicadas pela imprensa italiana e francesa, especialmente sobre a Alta Silesia. — (R.)

Bento XV deixou 400,000 liras para os estudantes tuberculosos

ROMA, 10

O Papa Bento XV deixou ao arcebispo de Munich quatrocentas mil liras para socorrer os estudantes tuberculosos. — (R.)

AVENIDA

O TOUREADOR

Estão suspensas as entradas de favor

NASCERÁ NA RUSSIA UM PERIODO DE PAZ?

O tribunal revolucionario "Tcheca"

foi extinto por ordem de Lenine

A creação de um banco para desenvolvimento do comercio e da agricultura

Ainda que a Russia esteja atravessando um periodo de calamidades como jámais registou a historia, tudo faz prever que a parte do mal-estar proveniente da revolução social está a aproximar-se do fim.

O facto da propria imprensa comunista deixar de guardar segredo sobre os acontecimentos historicos mais tragicos da revolução, conforme relatámos ontem, e ser ela propria a que vem lançar luz sobre as execuções realizadas, é um indicio moral da mais alta importancia, para medirmos a evolução que se tem dado no sentido da normalidade.

Um outro indicio importantissimo foi a supressão da «Teheca», o tribunal revolucionario, que tinha a seu cargo prevenir as contra-revoluções.

Estre tribunal foi o que desempenhou o papel mais odioso da revolução russa. Era ela que prendia, julgava e mandava executar. Tinha ás suas ordens milhões de espiões e houve epocas em que diariamente mandava matar milhares de pessoas, Ha alguns meses porém, que a sua autoridade fora restringida, a ponto de lhe ser proibido decretar a pena de morte, Não obstante a antipatia que despertava e ser ponto de espião e derramador de sangue, não ha duvida que este tribunal, á semelhança da Convenção e da Junta de Salvação Publica, na Revolução Francesa, foi um dos mais indispensaveis auxiliares dos soviets; sem ele, a contra-revolução teria vencido. A sua supressão é tambem um indicio de que Lenine e os outros directores da revolução já não julgam necessario o seu trabalho.

Esta supressão é simpatica ás nações occidentais e Lenine considera esta medida acertada e oportuna, nas vesperas da Conferencia de Genova, para abrandar a sua oposição e ter mais um argumento fortissimo com que demonstrar que o seu poder não está assente num tribunal sanguinario e que a Russia se não encontra já em plena revolução.

O convencimento destas duas verdades é o mais necessario para lhe preparar o caminho da igualdade absoluta e real, sem contradições nem divergencias dignas de consideração.

Ao mesmo tempo os «soviets» dão maior incremento á serie de reformas que vem realizando de ha quasi um ano para cá, as quais deram ocasião ao inicio do renascimento da industria russa.

A mais importante dessas reformas é a monetaria e simultaneamente a criação de um banco.

O banco tem todas as faculdades de banco de Estado, excepto a da emissão: sucursais e agencias em toda a Russia e logo que seja possivel tê-las-ha nos principais centros estrangeiros; recebe dinheiro e valores, em deposito; empresta sobre eles; servirá de intermediario nas transacções comerciais, etc.

O capital do Banco, fornecido pelos «soviets» é de dois milhões de rublos ouro. Funcionará como entidade autonoma, ficando porém submetida ao Ministerio da Fazenda. Entre as suas funções mais importantes, está consignado nos estatutos, o emprestimo de dinheiro para a agricultura e comercio.

A moeda tipo criada agora é uma moeda que tem aproximadamente o valor do rublo ouro; valerá portanto 10.000 rublos dos que circulam actualmente, proporção em que foi fixado o valor adquirente de um para outro.

A criação deste tipo de moeda permitirá valorizar a moeda de uma forma geral, gradualmente, sem a repercussão perniciosa que a valorização repentina teria sobre as industrias renascentes.

Pelo exposto, se vê que na Russia se está desenhando um acentuado movimento de ressurreição.

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — ás 20,45 (8 3/4) — HOJE

ESPECTACULO DE ACIONISTAS

2.ª APRESENTAÇÃO 2.ª

do notavel e assombroso fenomeno

HOMEM OU MACACO?

Grandioso e incomparavel sucesso da

Grande Companhia de Circo

AS MAIORES NOVIDADES E ATRACÇÕES MUNDIAIS

TEATRO DE S. CARLOS

Sociedade do Teatro de S. Carlos, Limitada
Telef. C. 5063

HOJE e AMANHÃ — 30.ª e 31.ª recitas ordinarias

A opera de Puccini

BOHEME

sob a direcção de VITTORIO GUI

DOMINGO, 12—32.ª recita ordinaria
Despedida do baixo GIULIO CIRINO e da soprano ELSA BLAND
Ultima representação da grande obra de Wagner

PARSIFAL

Grande Café de Italia

DÉJEUNERS

A PRIX FIXE ET A' LA CARTE

Esmerado serviço de chá, chocolate e torradas

Rua 1.º de Dezembro

UM CASO GRAVE

Roubo de documentos diplomaticos

São bem tremendos os dramas da usura. Por vezes os que no seu tragico enredo se deixam prender são vitimas das mais espantosas calamidades. Foi assim que um funcionario do Ministerio dos Negocios Estrangeiros da Dinamarca foi impelido a roubar um tratado secreto que, vendido a um país estrangeiro, acarretou a uma familia as mais tristes consequencias, a começar pelo suicidio do seu chefe. Este caso vem pormenorisadamente narrado no 3.º e 4.º episodios da *Soberana do Mundo*, o esplendido *film* de aventuras que, juntamente com as *Marionettes* e outros *films* de igual sucesso, todas as noites se exibe no Cinema Condes. Na proxima terça feira estreia de dois novos episodios da *Soberana do Mundo*.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

NOTICIAS DE LONDRES

O governo inglês

informou o

'Estado Livre da Irlanda'

que os "raids" que se efectuaram eram uma quebra do tratado

Foram cem os individuos raptados pelos irlandesas do sul

LONDRES, 10.

São em numero de cem os dirigentes do Ulster e policias raptados pelos irlandeses do sul. O governo inglês ordenou que fosse dada ao Ulster todo o auxilio militar e informou o governo do Estado Livre da Irlanda que considerava os «raids» como uma quebra do tratado de paz. Collins, chefe do governo provisorio do Estado Livre, respondeu que os «raids» foram causados pela ansiedade sobre a sorte de três «sinn-feiners» condenados á morte na prisão de Derry, e cujo indulto não era geralmente conhecido.—(R.).

80 milhões de libras de economias

LONDRES, 10.

Vão ser apresentados ao Parlamento projectos que tendem a fazer economias de cerca de oitenta milhões de libras. A discussão sobre o assunto, nacional na Camara dos Comuns efectuar-se-há na proxima segunda-feira. —(U. P.).

Como se cumpre a lei...

LONDRES, 10.

A duqueza de Norfolk foi condenada a uma multa de dés shilings por não ter declarado ás autoridades competentes que tinha uma governanta francesa em sua casa. A governanta foi condenada a uma multa identica. —(U. P.).

A VIAGEM DE JOFFRE

O marechal francês vai ser hóspede do governo chinês

SHANGAE, 10

O marechal Joffre será, durante a sua estada na China, hóspede do governo chinês. O governador geral da Mandchuria enviou ordens ao general Chang para que o marechal seja recebido com as máximas honras. —(U. P.)

GRANDE HOTEL PORTUGAL

SISTEMA AMERICANO

12, RUA DO AMPARO, 12

LISBOA

Falam-se linguas

Serviço de Restaurant

UMA ENTREVISTA

A CONVENÇÃO luso-transvaliana

O limite do recrutamento dos indigenas

(Continuação da 4.ª pagina)

apon as lhe direi que as necessidades de mão de ob ra desde 1916 até hoje, não obstante o gran e abalo produzido pela guerra, falta de inici ativa, retraimento de capitais, etc., aumen aram em mais de 30 por cento.

—P

—Posso afirmar-lhe que no distrito de Loure nço Marques ha obras empreendidas que s o o orgulho dos velhos colonos, que á provir cia consagram o mais honesto esforço e o m is arraigado carinho. Os numeros que lhe- ci tei são eloquentes. Poderá continuar este e tado de coisas? Não deve continuar. Posso afirmar-lhe que é este o pensamento do Alt o Comissario em Moçambique, que sobre es e ponto tem o apoio incondicional de toda a colonia. A não se tomar uma atitude intran igente sobre este importantissimo problema da mão de obra, compromete-se, como já lhe disse, o progresso economico de toda a região do sul de Moçambique.

—?

—E stou certo de que as proprias autoridades d la União, a Camara de Minas de Johannesburgo e todos os elementos interessados no desenvolvimento das industrias mineiras d lo Rand hão-de sentir a legitimidade das nos sas reclamações. Não podemos perturbar a exploração industrial do Rand, que contém interesses mundiais, mas seria absurdo que aceitassemos o inverso—ou seja o empobrecimento de Moçambique á custa do Rand.

—?

—Visto que teve conhecimento de que fui encarregado de certas negociações de caracter diplomatico junto das autoridades sul-africanas e dos mais categorisados elementos da Camara de Minas, devo dizer-lhe que encontrei o mais benevolo acolhimento e que me foi dispensada a melhor atenção para as reclamações que apresentei. Existe, de facto, em Johannesburgo, por parte de pessoas altamente colocadas, como Mrs. Buckle, presidente da Camara de Minas; coronel Pitchard, director do *Native Labour*; Mrs. Gemmill; Mrs. Barreth, ministro dos Negocios Indigenas, e Mrs. Garthorne, seu chefe de gabinete e director geral dos Negocios Indigenas, a mais completa boa vontade e um claro proposito de contemporisação. Pode crêr que cito estes nomes com profunda admiração e com as mais gratas recordações.

—?

—Pouco importará que a acção perturbadora das boas relações entre os dois paises, em que se mostram tão empenhados inimigos nossos — come *sir* Ab Bailey, deputado da União — continue a traduzir-se em deploraveis faltas de atenção para comnosco, acusando-nos de país improgressivo e decadente no proprio Parlamento da União, pois que de varios pontos da propria União Sul-Africana se ergueram protestos contra a atitude do referido deputado, reprovando a afirmação injuriosa *de que era preciso tomarem-nos com armas e bagagens*.

«Quem não formulou qualquer protesto foi o sr. Augusto de Vasconcelos, que assistiu a esta sessão. Mas que quer, meu amigo?

«E' pécha velha dos homens que galgam ás eminencias dispensarem-se de atitudes que, por serem incomodas, não deixariam de ser convenientes e necessarias. Mas o sr. Vasconcelos tinha por certo outras preocupações mais uteis.

—?

—E' verdade que pensam em prejudicar o porto de Lourenço Marques, mas não devemos preocupar-nos com isso. E' um inocente *bluff* dos nossos adversarios. Tal projecto é absolutamente irrealizavel.

«O recurso preconizado pelo general sr. Smuths, no discurso que pronunciou em Carolina, para que se improvisasse um porto na Baia Santa Lucia ou nos Lagos Kossy e Sibaya não nos deve assustar grandemente. No emtanto, tal fantasia, convém sabê-lo, tem defensores . .

O sr. Jaime Teixeira terminou aqui as suas considerações. Dentro de poucos dias apresentará ao sr. ministro das Colonias um relatorio completo sobre a convenção e sobre a missão de que foi encarregado.

"INCOMODINE"

GRANDE especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normaliza rapidamente a menstruação. Caixa 6$00, correio mais 200 réis. Farmacia J. Nobre, Rossio, 109, Lisboa.—A' venda no Porto, no Largo de S. Domingos, 42.

5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

O QUE VAI PELA POLITICA

O P. R. P. NO PODER

Está tudo em paz e o governo prepara-se para ir a S. Bento.

Os gabinetes do ministerio do Interior encontram-se, agora, povoados por caras mais conhecidas da politica, do que aquelas que assistiram á vida do ultimo governo. E' gente da velha guarda do partido democratico, que sabe facilitar o trabalho do reporter sem chegar á inconfidencia.

Hoje, vimos lá, sentada numa poltrona que enchia por completo, a sr.ª D. Maria Arade. Aguardou meia hora que o sr. Antonio Maria da Silva a recebesse; depois, retirou-se. Julgamos que o sr. presidente do ministerio prefere estabelecer directamente contacto com a opinião republicana, a utilizar-se da oratoria da conhecida propagandista de certos organismos pseudo-populares...

* * *

Após as habituais 48 horas de repouso, os boatos reappareceram. Anunciam complicações quasi inverosimeis e planos tenebrosos, macabros. Os bastidores da politica portuguesa davam assunto para uma serie de novelas bem mais interessantes que *O Capitão Morgan* ou as *Aventuras de um policia-amador*...

* * *

Os democraticos—disse-nos o sr. Nunes Loureiro com a autoridade que lhe dá a sua calvicie respeitavel—julgam ter 77 deputados eleitos. Como a maioria absoluta é de 82, o P. R. P. pode vir a ser *fuzilado* por uma concentração de todas as outras forças politicas. Simplesmente, catolicos, monarquicos e republicanos dificilmente caldearão, motivo porque o P. R. P. se considera com maioria absoluta—se não de direito, pelo menos de facto.

* * *

Já se anuncia que o sr. dr. José Domingues dos Santos, o fogoso director do nosso colega do Porto *A Tribuna*, será eleito *leader* do grupo parlamentar democratico. A proposito, comunica-se em ar de misterio, que ele tenciona provocar grande ruido em torno de si. Não acreditamos. O facto de o colocarem á frente da mais robusta corrente politica, obriga-o a uma ponderação que, por vezes, nas colunas de um jornal, se torna genero de consumo dispensavel . . .

* * *

O sr. ministro da Guerra foi hoje cumprimentado pelos oficiais da 1.ª divisão do exercito, campo entricheirado e estabelecimentos dependentes do ministerio, sendo feitas as apresentações pelo general mais antigo que se encontrava presente.

* * *

O administrador do Seixal, sr. Mariano de Barros, cumprimentou, hoje, o sr. presidente do ministerio, em seu nome e nos das comissões politicas do Partido Republicano Português naquele concelho.

* * *

Foi a Confederação Patronal e não a Confederação Geral do Trabalho que hoje conferenciou com a chefe do governo.

* * *

A viuva de D. Afonso de Bragança conferenciou demoradamente, pelas 16 horas, com o Presidente do Ministerio sobre a trasladação dos restos mortais de seu esposo.

Uma disposição da Biblioteca Nacional que não é cumprida

A Biblioteca Nacional mandou hoje apreender em algumas livrarias a *Intercultura de Portugal e Espanha no presente e no futuro*, da autoria do sr. dr. Ricardo Jorge, em virtude da casa editora, que é a Universidade de Coimbra, não ter registado o livro, nem mandado dois exemplares para a Biblioteca. Ha dias, tambem, o livro do sr. Julio Vilhena, *D. Pedro V* foi mandado retirar do mercado por não ter cumprido aquela disposição, sendo mais tarde, autorizada a sua venda, depois de ela cumprida.

E provavel que suceda o mesmo com o livro do sr. dr. Ricardo Jorge. Os livreiros queixam-se que, não tendo responsabilidade alguma de não serem enviados dois exemplares á Biblioteca, sejam eles os prejudicados, visto que lhes aprecndem as edições.

A LIQUIDAÇÃO DA GUERRA

QUEM VAI A GENOVA

Podemos afirmar: os srs. Teixeira Gomes e Vitorino Guimarães

Quem vai a Genova? Quem representará Portugal na mais importante das conferencias da paz? Os nossos colegas da manhã dizem que o sr. presidente do ministerio telegrafou ao sr. Cunha Leal, convidando-o a assumir êsse encargo; nós podemos acrescentar que o sr. Antonio Maria da Silva, no empenho de fazer chegar a seu destino, o mais rapidamente, o convite, mandou procurar o ex-chefe do governo por toda a cidade. Apenas, êste havia retirado para a Praia das Maçãs, a fim de repousar três, quatro dias. A resposta, que a estas horas se encontra já no ministerio do Interior, veiu confirmar as declarações do sr. Cunha Leal que ontem reproduzimos. E' assim redigida:

Presidente do ministerio—Lisboa—Penhoradissimo, agradeço ao governo o convite para ir representar Portugal na conferencia de Genova. Não posso aceitar, porque outros, melhor do que eu, poderão desempenhar tão alta missão, muito superior ás minhas faculdades pessoais. Se me fôsse possivel lembrar o nome de alguem, ousaria sugerir o nome do sr. dr. Afonso Costa.—Cunha Leal.

* * *

Não vai o sr. Cunha Leal. Não vai o sr. Afonso Costa que, a fazer fé pelo que hoje nos murmuraram na Arcada, respondeu negativamente a um convite particular que nesse sentido lhe teriam feito. Quem vai, pois? O *Diario de Lisboa*, ontem, *em ultimas*, mencionava os nomes do sr. Teixeira Gomes, nosso ministro em Londres, e Vitorino Guimarães, ex-ministro das Finanças. Pois a sua informação foi hoje corroborada. O sr. Antonio Maria da Silva vai convidar o ilustre diplomata para nos representar em Genova. Para dar maior pressa á organização da delegação portuguesa, o chefe do governo tentou hoje conferenciar com o sr. Vitorino Guimarães. Essa conferencia, pelo menos até meio da tarde, não se chegou a realizar. Mas, o mais tardar amanhã, tudo se concertará, devendo o país acolher, com a maior satisfação, a escolha do sr. Teixeira Gomes, velho repnblicano e diplomata da maior distinção.

OS MARITIMOS DECLARARAM-SE EM GREVE

O que se passou hoje

Como o *Diario de Lisboa* havia ontem previsto, as classes maritimas de longo curso declararam-se esta madrugada em greve, por não lhe serem atendidas as suas reclamações.

Uma comissão composta de delegados das classes em greve, da qual faziam parte moços de marinha mercante, inscritos maritimos e fogueiros de mar e terra, procurou o capitão sr. Vidal, agente de navegação e delegado dos armadores de pesca, afim de saber uma resposta definitiva ás suas reclamações.

O sr. Vidal aconselhou os comissionados a irem pedir ao governo para ceder os navios dos Transportes Maritimos á Companhia Nacional de Navegação, a fim de ela reorganizar as suas carreiras para a Africa Oriental, pois só assim a referida companhia poderia satisfazer as suas reclamações.

Os comissionados responderam que lhes era indiferente estarem ao serviço dos Transportes Maritimos ou da Companhia de Navegação, mas que não queriam que, á sombra das suas reclamações de caracter economico, alguem alcançasse o que, com a sua influencia, não tem conseguido.

O pessoal encontra-se em sessão permanente na séde dos respectivos sindicatos, aguardando ordens do «comité». No caso do governo mandar pessoal da armada para os vapores, é de prever que a greve se generalize ás outras classes maritimas.

ARTE REGIONAL

SIMÃO DA VEIGA

o pintor ribatejano

expõe excelentemente na "Bobone"

Na Bobone expõe d'esta vez um pintor, bohemio da sua propria paleta, homem que aparece de onde a onde com os seus campinos e as suas lezirias do Ribatejo, temperamento curioso de artista da sua região, rico de luz e visionario da paisagem—Simão da Veiga.

O sr. Simão da Veiga apresenta uma pequena galeria, sem exibicionismos, nem modernismos, sem uma superficie, candida que ela fôsse, de inspiração alada, mas assim mesmo é esplendida.

Doze telas, algumas conhecidas, de entre as quais sobresái o retrato da Ex.ma Sr.ª C. V., que sob a rubrica *Retrato de minha mulher* esteve há cinco anos ou mais exposto na exposição anual da Sociedade Nacional de Belas Artes, onde constituiu um triunfo.

Este retrato, pela sua pintura larga, pelo cuidado tecnico das roupas, até pelo espirito recolhido, do qual a pintura participa em tons e fundo onde há qualquer reminescencia da maneira antiga de Columbano, pode classificar-se uma boa obra de arte, no mais exigente sentido da palavra.

De novo, e marcante, o sr. Simão da Veiga apresenta uma tela intitulada *Vencido* e outra *Fugindo á trovoada*, e que merecem vêr-se. *Vencido* é o touro que recolheu á leziria depois do combate. Sangra ainda o seu dorso violento, do focinho espuma a raiva mal contida, emquanto que no olhar pela sensação da derrota e pela alegria selvagem da volta á planicie, bailam maravilhosas elegias de ternura. Sob o ponto de vista tecnico, a tela é rica de negros e de relevos vibrantes. Um segundo plano marca disfarçadamente um tipo de campina, a esgarçar-se de uma nevoa de luz.

Fugindo á trovoada são cavalos livres como o vento, crinas longas, manchas lividas, que sobre as leiras encharcadas da terra desaparecem como relampagos ante a trovoada que lá vem. Tela de uma composição forte, logra fugir da banalidade dos toiros e das chocas paradas, dos ceus azuis como o são de facto lá na região, e da luz diafana e vaga que paira no restante que lá ha.

Curiosidade tem côr; pouco mais que côr. *A Condução* é menos feliz. E das outras sete telas ha uma pequena, cujo nome perdemos, e é de boa marca.

A exposição Simão da Veiga o que está é fora do caracter da pintura dos nossos dias, ansiosa de originalidade. Mas na maneira de arte em pintura, dentro da qual se meteu o artista, ha muito espaço para fazer beleza e até para a crear. Isso tentou esplendidamente o artista que, ouvimos vai dedicar-se mais intensamente á pintura.

A exposição, mesmo para discordar, para criticar, para esfanecer, é esplendida. Enche-se os olhos de luz, e a vista descansa das pinceladas de vermelho e óca com que nas telas modernistas se desperta, com talento ou não, a pupila dormente do visitante.

UMA MISSA

Na igreja de S. Julião rezou-se hoje, pelas 10 horas, uma missa suiragando a alma do capitalista sr. João Marques dos Santos, que há tempos faleceu em Espinho.

O NOVO GOVERNADOR CIVIL

Cumprimentos do general Pedroso de Lima

O novo Governador Civil de Lisboa recebeu hoje os cumprimentos de inumeras pessoas, entre elas o general sr. Pedroso de Lima, comandante da 1.ª divisão do exercito.

AUMENTO DE TRANSPORTES?

A Companhia Nacional de Navegação conferencia com o governo

O administrador delegado da Companhia Nacional de Navegação, sr. Jaime de Vasconcelos Thompson, teve hoje uma conferencia com os srs. ministros das Finanças, Colonias e Comercio.

Os contra-torpedeiros austriacos

vão ser abandonados?

Os torpedeiros ex-austriacos, em vista de não poderem ser aproveitados, vão ser abandonados ou vendidos caso se encontre compradores.